

O CRIAR E IMAGINAR NA INFÂNCIA: REFLEXÕES QUE ENVOLVEM TEORIA E PRÁTICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Diana Vandréia Dal Soto¹

Resumo: Este texto sistematiza reflexões sobre o criar e o imaginar na infância, reflexões estas que, tecidas a partir do acompanhamento feito pela professora referência da Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo (UFSM) - com crianças em idades pré-escolar - propõem uma discussão de como o processo criativo das crianças pode ser entendido e valorizado nas práticas de Educação Infantil. Nesse sentido, as observações e os registros reflexivos do professor compõem os elementos de análise sob a perspectiva da teoria Histórico-Cultural. As conclusões obtidas por meio desse estudo apontam caminhos para que se olhe a criança na escola e se pense sobre a construção de ambientes educativos que valorizem o seu potencial criativo na produção de sentidos para suas aprendizagens, e isso inclui considerá-la protagonista, como participante ativa no seu processo educativo.

Palavras-chave: Infância; Educação Infantil, Imaginação e Criatividade.

CREATE AND IMAGINE IN CHILDHOOD: INVOLVING THEORY AND PRACTICE IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Abstract: This text explores reflections on create and imagine in childhood, reflections these that, framed from the monitoring done by teacher regarding of the Education Unit Ipê Amarelo, of Federal University of Santa Maria/Brazil, with children in pre-school ages-propose a discussion of how the creative process of children can be understood and valued early childhood practices. Accordingly, the comments and the reflective teacher records comprise the analysis in the perspective of historical-Cultural theory. The conclusions in this study point to look child in school and think about the construction of educational environments that value your creative potential in the production of senses to their learning and this includes consider her protagonist, as an active participant in your educational process.

Keywords: Childhood; Early Childhood Education, Imagination and Creativity.

1 Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria CE/UFSM (2006). Especialização em Gestão Educacional CE/UFSM (2009). Especialização em Educação Ambiental CCR/UFSM (2010). Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria - PPGE/UFSM (2014). Foi bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior CAPES (2013-2014). Foi tutora do Curso de Pedagogia a distância UAB/UFSM (2008 - 2013). Tem experiência na área de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, atualmente professora de Educação Infantil. Integra o Grupo Investigação e Estudos Contemporâneos em Educação e Infância GIECEI, CE/UFSM. E-mail: vandreiadalsoto@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea as pessoas são diretamente influenciadas por uma série de questões que as desafiam em relação ao conhecimento e imaginação, sendo que estas questões aguçam, principalmente, as crianças, visto que elas estão desvendando o mundo a sua volta e, portanto, são extremamente curiosas para compreender aquilo que ainda não conhecem. Assim, as crianças, além de sua curiosidade natural, inata e de saberem serem criativas para desvendar as coisas a sua volta, ainda deparam-se com uma gama de informações que os aparatos tecnológicos e midiáticos oferecem à infância.

Frente a essas observações cabe pensar: os professores sabem apreciar e aproveitar a curiosidade das crianças? É possível encontrar professores que desejam que seus alunos sejam curiosos? Mas será que isso é o suficiente para gerar espaço, em suas aulas, que valorize e potencialize a espontaneidade expressiva e criativa das crianças?

Compreende-se que a criatividade é inerente ao indivíduo, e que tem a finalidade de oportunizar a ampliação de suas experiências de vida e crescimento. No entanto, necessita-se potencializar essa capacidade por meio das práticas sociais. A escola infantil, lócus educativo da infância, deve favorecer e oportunizar as crianças à potencialização de suas capacidades imaginativas e criativas. As crianças por possuírem uma maneira particular de perceber o mundo, são curiosas imaginativas, sensíveis e, portanto, precisam vivenciar um processo rico de descobertas, que favoreça quanto ao uso do seu potencial criador, para desenvolverem-se integralmente através de suas vivências na escola.

Por meio deste texto pretende-se estabelecer reflexões, e discutir como o processo de criação infantil pode ser entendido e valorizado nas práticas de Educação Infantil. Práticas estas construídas a partir de observações às interações e atividades das crianças em uma turma de pré-escola.

Considerando que esse trabalho é parte de um projeto de pesquisa em andamento junto ao Curso de Mestrado em Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, apresenta-se os elementos metodológicos pertinentes a ele. Trata-se de pesquisa exploratória, que se configura parte da pesquisa qualitativa apresentando dados iniciais, registrados

durante a produção do referido projeto, que visa estudar as interações infantis nas práticas pedagógicas em Educação Infantil; compreendendo como se estabelece o lugar da criança protagonista dessas práticas.

Assim, os dados foram obtidos a partir de registros de observações e reflexões de atividades e produções das crianças de uma turma da pré-escola², na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo (UFMS). Para este trabalho, os dados utilizados referem-se ao registro das observações das interações das crianças, suas falas, desenhos e imagens, seguidos das reflexões feitas pelo professor, no período compreendido entre maio e outubro de dois mil e onze.

1 O IMAGINAR E O CRIAR NA INFÂNCIA

A criatividade corresponde a um potencial inerente ao ser humano, e é necessária a utilização desse potencial em sua vida, assim como o imaginar e o criar correspondem a sua realização. A imaginação se constitui a base de toda a atividade criadora e, é ela que impulsiona os processos de criação humana. Sendo assim, a criação associa-se a todos os processos de construção e, conseqüentemente, ao desenvolvimento dos indivíduos.

Vygotsky (2009) salienta que é comum o pensamento que não haja criação na vida de uma pessoa, ou que a criação é destino apenas de alguns 'gênios'. No entanto, isso não é correto, visto que a criação não existe somente na criação de grandes obras, mas acontece por toda a parte, pois quando o homem "imagina, modifica e cria algo novo, mesmo que esse novo se pareça a um grãozinho, se comparado às criações dos 'gênios'. (p. 16). Se olharmos "[...] a vida cotidiana que nos cerca, a criação é condição necessária da existência, e tudo que ultrapassa os limites da rotina, mesmo que contenha um iota do novo, deve sua origem ao processo de criação do homem (VYGOTSKY, 2009, p. 16).

Maslow (1968), ao conceituar criatividade, diz que se constitui em "herança universal de todo o ser humano" e que não deve ser entendida em termos de produtos, mas sim como processo. O referido autor ainda aprofunda suas explicações nesse

2 A prática pedagógica em que se constitui as bases desta análise, organiza-se através da metodologia de projetos (BARBOSA; HORN, 2008) na qual considera-se a criança um sujeito ativo, participante do processo educativo e assim protagonista na construção do seu conhecimento.

sentido e apresenta a criatividade individuacionate, distinguindo-a de talento, assim a criatividade individuacionate é conceituada como autorealizadora. Se expressa na vida criadora, ou na atitude criadora, ou na pessoa criadora.

Nesse sentido, fazendo relação à espontaneidade das crianças, Maslow compara a criatividade à expressão de todas as crianças felizes e seguras. E assim destaca que a criatividade individuacionate é “espontânea, desenvolta, inocente, fácil; uma espécie de liberdade isenta de estereótipos e clichês. Formada, em grande parte, de liberdade de percepção, de espontaneidade e expressividade “inocentes” e desinibidas.” (MASLOW, p. 170, 1968). Desse modo, ela se manifesta amplamente nos assuntos correntes da vida.

Vygotsky (2009) trata da imaginação como uma formação especificamente humana, intrinsecamente relacionada à atividade criadora do homem. Nesse entendimento, o autor aponta a fundamental importância do trabalho pedagógico, ao criar espaço de participação da criança na cultura, tendo em vista que a imaginação e a criação são frutos das experiências anteriores do sujeito que, ao serem recombinadas e reelaboradas, formam novos elementos.

A criatividade ou atividade criadora foi conceituada por Vygotsky (2004) como sendo toda realização humana: criadora de algo novo, quer se trate de reflexos de algum objeto do mundo exterior, quer de determinadas construções do cérebro ou do sentimento, que vivem e se manifestam apenas no ser humano. O autor também define dois impulsos básicos característicos da conduta humana: um reprodutor ou reprodutivo, vinculado, à memória, e outro criador ou combinador, que está relacionado à imaginação. Entende-se assim que a capacidade de transformar algo já conhecido em algo novo corresponde à base da criação.

As crianças têm uma vivacidade de olhar ao seu redor e perceber o mundo e, com isso, exercitam a todo instante a sua imaginação, a sua curiosidade, pois elas necessitam utilizar todo o seu potencial criativo para crescer e aprender. Diante disso, destaca-se a curiosidade infantil como algo que impulsiona o aprendizado de forma criativa. De acordo com Assmann (2004), “a curiosidade representa a base da disposição para aprender, da busca do conhecimento” (p. 26). Diz ainda que “A curiosidade e o desenvolvimento da inteligência de uma criança são incentivados quando se dá atenção às suas perguntas. Por isso, recomenda-se aos pedagogos que se empenhem por não sufocar este impulso nas crianças” (ASSMANN, 2004, p.

27).

Portanto, defende-se que a curiosidade infantil é questão motivadora para a construção do trabalho pedagógico nas práticas de Educação Infantil, o que exige da escola a valorização da criança como sujeito de direitos, considerando-a participante ativa desses processos pensados para e com elas. Entende-se que há necessidade desse movimento nas práticas pedagógicas com crianças pequenas, tendo em vista que o ato criador abrange “a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar” (OSTROWER, 2010, p.9).

Nesse sentido, cabe ao professores que atuam na educação Infantil o autoconhecimento, para desconstruir certos mitos e estereótipos que constituem sua formação pessoal e até acadêmica; tendo em vista as concepções que ainda permeiam este nível de ensino, e que interferem na sua atuação com as crianças pequenas. Isso é necessário para perceber a criança e melhor conduzir as situações de aprendizagem em sala de aula, de forma a favorecer a expressão criativa e respeito às especificidades imaginativas e criativas de cada criança.

2 TECENDO REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ESCOLA INFANTIL

As compreensões teóricas expostas anteriormente nos permitem entender a criatividade como potencial humano, e assim refletir sobre a valorização do processo de imaginação e criação infantil nas práticas em Educação Infantil. Portanto, o professor, agente que favorece esse espaço, cria um ambiente propício à participação das crianças em processos criativos, ou que possam se manifestar em sua criatividade natural no espaço escolar.

É na Educação Infantil que a criança inicia sua vida escolar, sendo importante que tenha condições favoráveis ao desenvolvimento do seu processo criativo. Para isso, faz-se necessário que os profissionais, que atuam nesse campo preocupem-se em estimular e garantir espaço para elas utilizarem o potencial criador, pois são construções que se refletem positivamente, de forma individual e socialmente em atividades no decorrer de suas vidas.

Para tanto, faz-se necessário pensar em um trabalho de respeito ao tempo de infância, de escuta ao que as crianças pequenas querem, pensam e desejam, e não

apenas sob a perspectiva do que o professor pensa e considera importante. “O que dá sentido ao cotidiano das crianças é justamente a possibilidade de estabelecerem relações, de participarem em processos que se inter-relacionam com uma atividade que se desdobra em outra e de forma integrada.” (CORSINO, 2009, p. 120).

Durante observações às atividades das crianças no espaço educativo em questão, elas utilizaram os tablados³, enquanto umas permaneciam explorando construções com jogos, outras desenhavam. Com atenção a nesse fato, verifica-se que as crianças exploravam os espaços e matérias disponíveis naquele ambiente. Ficaram concentrados nessas brincadeiras por um bom tempo, realizando construções em pequenos grupos e socializando com as professoras e outros colegas, ou seja, nomeando o que haviam feito para depois reconstruir.

Para exemplificar melhor destaca-se certa observação, um grupo de crianças construiu e reconstruiu várias vezes com a utilização de um Jogo de construção (fig.1, 2 e 3), sendo que nos dias subsequentes, além das construções com Jogos, o grupo passa a fazer desenhos mais elaborados do que se vinha observando, demonstrando, assim, segurança ao expressar a sua criatividade.



Figura 1: “paisagem”



Figura 2: “flores e borboletas voando”



Figura 3: “borboletas nas flores e voando”

Percebeu-se que essas construções com o Jogo (fig. 1, 2 e 3), revelam o entendimento das crianças em relação ao estudo do projeto em andamento na turma, que envolvia também a biodiversidade, ou seja, representam, através de suas

³ Parte do mobiliário da sala de aula, destinado às crianças brincarem.

brincadeiras e construções, a Natureza como Ela é, a relação entre animais e plantas – borboletas nas flores. Isso mostra que as crianças dessa turma “engajaram-se nas próprias aprendizagens, na construção do conhecimento, no desenvolvimento de novas aprendizagens e no aperfeiçoamento daquelas já dominadas; no prazer de expor o seu saber, de ver [...]” (BARBOSA: HORN, 2008, p.87).

Ainda, compreende-se que alguns fatores estão associados ao fato do pensamento da criança estar sendo estimulado a criar, reelaborar e, ao mesmo tempo, de perceberem que suas produções têm um sentido, ao receberem a valorização do professor. E, ainda, ao fato de serem participantes ativas do processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com a visão vygostekiana “ao internalizar as experiências fornecidas pela cultura, a criança reconstrói individualmente os modos de ação realizados externamente e aprende a organizar os próprios possesos mentais.” (REGO, 1995, p. 62). Portanto, a base da criação atribui-se a capacidade de combinar elementos já conhecidos a novos elementos, os quais resultam da realidade cotidiana, de contínuas interações do sujeito com o meio físico e social.

Além do exemplo citado, também foi observado, durante a mesma semana, a apropriação dos conceitos estudados através dos projetos da turma, que apareciam nas interações entre pares, na linguagem e construção de brincadeiras. A imaginação e criação da criança são processos que se manifestam melhor nas brincadeiras. Então, tem-se que o processo de criação manifesta-se com toda a sua força já na primeira infância. Logo, é importante dar-se atenção ao “desenvolvimento e significado do trabalho de criação para o desenvolvimento geral e o amadurecimento da criança” (VYGOTSKY, 2009, p. 16).

Na brincadeira a criança reproduz muito do que vê, vivencia. A imitação tem um papel importante nas brincadeiras das crianças, no entanto, o que se considera relevante destacar em relação a essas atividades infantis, não se trata, apenas, da reprodução dos elementos culturais, mas de processos de criação, entendendo que os

elementos da experiência anterior nunca se reproduzem, na brincadeira, exatamente como ocorreram na realidade. A brincadeira da criança não é simples recordação do que vivenciou, mas reelaboração criativa de impressões vivenciadas. É uma combinação dessas impressões e, baseada nelas, a construção de uma realidade nova que responde as aspirações e aos anseios da criança. Assim como na brincadeira, o ímpeto para criar é a imaginação em atividade (VYGOTSKY, 2009, p. 17).

Portanto as experiências sociais e a qualidade destas experiências são essenciais para o crescimento individual de cada criança. E, de acordo com o que se observa na atividade das crianças, como, por exemplo, o relatado através das figuras 1, 2 e 3, a imaginação pode criar cada vez mais novos elementos combinados a partir dos elementos da realidade vivenciada.

Smolka (2009) ao comentar a obra de Vygotsky diz que

a possibilidade de criação ancora-se na experiência. Podemos, certamente, pensar que qualquer experiência humana tem sua riqueza, suas possibilidades, suas formas de realização. No que se refere às práticas pedagógicas, no entanto, trata-se do incansável trabalho de inventar e planejar a cada dia, como viabilizar de maneira mais efetiva, o acesso das crianças ao conhecimento produzido e sua participação na produção histórico-cultural (SMOLKA, 2009, p. 23).

Compreendendo que a imaginação sempre constrói de materiais hauridos da realidade, pode-se concluir que se a criança não tiver a compreensão do que é uma paisagem, de como a Natureza funciona e das relações que se estabelecem na Natureza, não poderá representá-la de tal forma. A diversidade das experiências anteriores fornecem elementos para a imaginação e criação das crianças.

Em outro momento, em que os estudos com o projeto da turma envolviam o estudo do tema “pedras⁴” foi narrada a história “*As cinco pedrinhas saem em aventura*”⁵, que fala sobre as formas das pedras: losango, hexágono, octaedro, etc. A partir da história, as crianças fazem observações às formas das pedras e das figuras geométricas presentes no ambiente. Com essas observações e reflexões elas ampliaram seus olhares e representações e, ao propor que desenhassem explorando as formas geométricas, fizeram construções muito diferentes, criativas, nas quais conseguiram explorar bem as formas geométricas. Primeiro desenharam e depois colaram pedrinhas, para completar os seus desenhos. Isso as motivou ainda mais a dedicarem-se ao trabalho e à exploração de sua criatividade (fig. 4 e 5).

4 Tema do projeto em andamento na turma naquele momento.

5 TOLEDO, Motta C. de; IMBERNON, Roseli A. L. *As cinco pedrinhas saem em aventura*. São Paulo: Oficina de Textos, 2003.



Figura 4: árvore, nuvens, pedra magnetita, ...



Figura 5: barcos, mar, nuvens e sol.

O desenhar segundo Vygotsky (2009), é um tipo predominantemente de criação na primeira infância. É uma forma de expressão criativa que precisa de estímulos externos adequados, na idade adequada. De acordo com o referido autor, o interesse pelo desenho reaparece por volta dos vinte anos de idade. No entanto, pesquisas mostram que as pessoas que não receberam estímulos na idade própria, ou seja, na primeira infância, irão fazer representações parecidas com as de crianças de oito anos, as quais estão no final do “ciclo do desenho.”

Recorrendo às contribuições de Régio Emilia (EDWARDS; FORMAN, 1999), verificam-se como as crianças têm espaço e são valorizadas em suas expressões criativas, e algo bem particular é o valor dado ao que chamam de “linguagens gráficas”, as quais são usadas pelas crianças pré-escolares, para “registrar suas ideias; explorar os conhecimentos, reconstruir algo que já conheciam e construir, em conjunto, conhecimentos revisitados dos tópicos investigados” (p. 38).

As crianças da Régio Emilia participam de uma extensa experiência de desenhar, a partir de suas observações e de imaginação. Essas atividades fazem parte das experiências desafiadoras e diversificadas, que as favorecem na exploração das diferentes linguagens. Nesse contexto, obviamente, foi observado que algumas crianças fazem suas representações plásticas com maior habilidade que outras. Contudo, concluem que “a extensão da experiência precoce de expressar e comunicar suas ideias e observações visualmente durante os anos pré-escolares ajuda a explicar o nível inesperadamente alto de competência.” (EDWARDS; FORMAN, 1999, p. 45),

Esses estudos nos chamam atenção para tomar cuidado com o “resultado esperado” nas produções infantis. O processo é que deve ser observado e valorizado.

“As crianças desenham o que sabem e não o que veem; desenham de memória e não de observação” (VYGOTSKY, 2009, p. 113). Através das observações aos trabalhos das crianças, percebe-se que elas desenham aquilo que “internalizaram”, dos estudos, das suas observações ao meio natural.

No caso exemplificado, a proposta foi que desenhassem “coisas” do ambiente, explorando figuras geométricas presentes através do desenho. Foi constatado que todas as crianças expressaram-se de forma criativa, elaborando representações um tanto complexas, sendo que os elementos - formas geométricas aparecem em todos os trabalhos, no entanto, cada trabalho tem uma especificidade bem particular.

É importante destacar que as crianças não observaram modelos, apenas foram problematizadas e desafiadas a observarem as formas das pedras, das coisas do ambiente, mas não receberam um modelo de representação (desenho). O que é permitido concluir-se que desenham coisas da memória: palhaço, sol, pedra magnetita, casa, boneco,..., criadas conforme a imaginação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões expostas através deste trabalho favorecem, também, um repensar sobre aqueles “desenhos prontos para pintar”, que persistem em aparecer nas práticas em educação infantil e que formatam o pensamento e negam as possibilidades de criação da criança. Eles são apenas um elemento, os quais expressam concepções epistemológicas que fundamentam essas práticas, mas que se considera importante, quando tomados como ponto de partida, para refletir sobre o pensar e o fazer na Educação Infantil. A atividade humana é essencialmente criadora

Nesse propósito cabe ao professor a sensibilidade para compreender e respeitar cada criança, seu ritmo e característica individual, conhecê-la a criança e oportunizar espaço para sua expressão e crescimento. Criar um ambiente que a instigue avançar de forma ativa, criativa e espontânea. Cada criança possui uma construção pessoal que precisa ser respeitada e valorizada.

Assim sendo, fica, portanto, um convite ao compromisso com as crianças e o seu desenvolvimento, que partem da organização de um trabalho pedagógico que amplie as possibilidades criativas e socializadoras das crianças. Um ambiente com

atividades, prazerosas, que desafie o pensamento e suas aprendizagens, aproveitando todo o potencial de imaginação e criação. Construindo, assim, uma Educação Infantil que valorize e preserve nas crianças o gosto por aprender.

Referências

ASSMANN, Hugo. **Curiosidade e prazer de aprender** – o papel da curiosidade na aprendizagem criativa. Petrópolis, Vozes, 2004.

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. da G. S. **Projetos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CORSINO, Patrícia (org.) **Educação Infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

EDWARDS, C.; FORMAN, G.. **As cem linguagens da Criança**. A abordagem de Régia Emilia na Educação da primeira Infância. Por Alegre: Artmed, 1999.

MASLOW, A. H. **Introdução à Psicologia do Ser**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1968.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis, Vozes, 2001.

REGO, Teresa C. Vygotsky: **uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SMOLKA, A. L. B. . Ana Luiza Smolka comenta Liev Vigotski: **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática Editora, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

_____. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.